



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

LARISSA SANTANA CAVALCANTE

**O CONCEITO TRANS EM MEIO À NEBULOSA DA
SEXUALIDADE**

**CAMPINA GRANDE – PB
2014**

LARISSA SANTANA CAVALCANTE

**O CONCEITO TRANS EM MEIO À NEBULOSA DA
SEXUALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel/Licenciado em Psicologia.

Orientador: Edmundo de Oliveira Gaudêncio

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C376c Cavalcante, Larissa Santana.

O conceito trans em meio à nebulosa da sexualidade
[manuscrito] / Larissa Santana Cavalcante. - 2014.
25 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e
da Saúde, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio,
Departamento de Psicologia".

1. Orientação sexual. 2. Transexualidade. 3. Identidade
sexual. I. Título.

21. ed. CDD 306.76

LARISSA SANTANA CAVALCANTE


O CONCEITO TRANS EM MEIO À NEBULOSA DA SEXUALIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Psicologia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Bacharel/Licenciado em Psicologia.

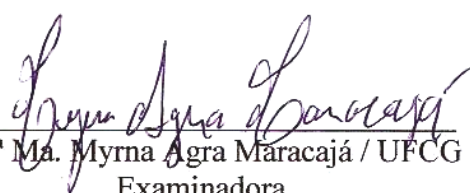
Aprovada em 28/02/2014.



Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudencio / UEPB
Orientador



Prof. Me. Jorge Dellane da Silva Brito / UEPB
Examinador



Profª Ma. Myrna Agra Maracajá / UFCG
Examinadora

O CONCEITO TRANS EM MEIO À NEBULOSA DA SEXUALIDADE

CAVALCANTE, Larissa Santana¹

A transexualidade, expressão utilizada para nomear pessoas que sexualmente não estão em conformidade com seu sexo biológico, apresenta-se como uma problematização à caracterização da subjetividade de tais sujeitos. Posto tratar-se de definição que apresenta divergências e nebulosidade quanto a apreensão e consideração da vivência entre as múltiplas formas de apresentação dessa dinâmica, dita transexual. Este trabalho ressalta a constituição identificatória de gênero e da orientação sexual, que estruturam parte da identidade do indivíduo a partir das interações de fatores biológicos, socioculturais e psíquicos. O artigo traz uma explanação em cartografia preliminar construída a partir de um olhar multidisciplinar para um caso de transvestismo, que objetiva explorar de que formas a transexualidade é psicossocialmente expressa, além de compreender os elementos subjetivos e identitários presentes no posicionamento sociossexual externalizados em tal discurso. Para este intuito foi realizada a análise hermenêutica do conteúdo de três entrevistas concedidas por Laerte Coutinho, cartunista e *crossdresser*, entrevistas essas publicamente acessíveis, uma vez postadas na internet e, assim, configuradas como de domínio público. A partir do discurso proferido pelo artista, são discutidas e problematizadas questões alusivas a sexualidade enquanto termo polissêmico; o processo decorrente da linguagem e terminologia associada à vivência sexual; perversão e desvio da sexualidade; sexualidade e expressão de subjetividade; bem como, a divisão binária de gênero, heteronormatividade e a ideia de desvio sexual daí decorrentes.

Palavras-chave: Transexualidade. Sexualidade. Identidade transexual.

¹ psilarissasantana@gmail.com - Universidade Estadual da Paraíba, Graduada em Psicologia.

1 . INTRODUÇÃO

O que é sexualidade? O que vem a ser transexualidade? Como se colocam, no espectro das expressões da subjetividade, pela via sexual, as diversas formas de transexualidade entre o que se considera masculino e feminino? São estas algumas das questões postas no presente estudo de caso, desenvolvido à guisa de Trabalho de Conclusão de Curso, o qual objetiva, de forma sumária e em sua originalidade, expor as ideias alusivas a uma investigação sobre a transexualidade², segundo a análise do discurso de um sujeito que vivencia em sua própria historicidade tal processo, levando-se em consideração a multiplicidade e dinamicidade encontradas em tal questão de gênero.

A abordagem deste tema revela a necessidade emergente de produções científicas em diversos campos do saber, as quais venham a possibilitar maior entendimento sobre a matéria, com eventual possibilidade de desestigmatização da transexualidade, graças à compreensão das inúmeras possibilidades de posicionamentos das pessoas frente à sexualidade – e que seria melhor denominada de forma plural, sexualidades, considerando-se a diversidade de tal expressão da subjetividade.

Dentre os inúmeros saberes acerca do sexo e da sexualidade de modo geral, este trabalho enfoca os discursos da psicanálise, psiquiatria, sociologia e antropologia, tendo em vista a interdisciplinaridade do tema, geralmente abordado pela via da patologia, o que advém da concepção socio-normativa de sexo-gênero e diferenciação sexual impostas conforme a matriz binária heterossexual problematizadas por Arán (2006, p. 50). Destarte é necessária uma explanação ampla que possibilite a identificação de condições para questionar e avançar criticamente o conceito trans, toda sua amplitude e complexidade, bem como, perpassar o conceito de heterossexualidade masculina/feminina que podem relacionar-se à problemática.

Tendo em vista os inúmeros problemas referentes às sexualidades, que efetivamente demandam discussão e conhecimento, o tema específico da transexualidade caracteriza uma possibilidade de avanço teórico, tomando por base a compreensão e análise advindas do discurso do próprio sujeito transexual. Dessa forma, neste trabalho discutimos a polissemia do termo sexualidade; os usos da linguagem na descrição positiva ou negativa da sexualidade; as

² Optamos pelo uso do sufixo “dade” para esta e as demais nomenclaturas referentes às sexualidades e suas expressões, tendo em vista que o uso do “ismo” remete, em geral, ao discurso patológico.

diferenças entre sexo, sexualidade, orientação e identidade sexuais; a divisão binária dos sexos, a heteronormatividade e a ideia de desvio sexual daí decorrentes.

Ilustramos nosso trabalho com “tirinhas” desenhadas por Laerte, devido a relação de tal trabalho e a subjetividade do autor, e conforme referido numa das entrevistas que tomamos como parte do objeto de análise: *“Desde que nasceu, o Hugo se porta como um alter ego do Laerte. Ele costuma assumir nos quadrinhos grilos e desejos que se confundem com os meus.”* Por Laerte em entrevista à revista Bravo, versando sobre o personagem “Hugo”, seu alterego e constituindo portanto, um recurso em complementariedade à análise de discurso realizada neste estudo de caso.

Para justificar o uso das figuras humorísticas que versam sobre a temática do sexo, da sexualidade de modo geral ou da transexualidade elaboradas por Laerte Coutinho, utilizamos o referencial psicanalítico sobre os chistes e humor, nos quais Freud (1905-1996) explicita a substituição e condensação linguística como mecanismos inconscientes do chiste. A comicidade do ponto de vista subjetivo emerge através de condensações, duplo sentido e múltiplo uso de determinado conteúdo linguístico e seu contexto, sendo inúmeras as construções que permitem o chiste se relacionar ao humor e à comicidade. Em linhas gerais o chiste possibilita a expressão de material inconsciente – que, para o caso em tela, manifesta-se nas tirinhas utilizadas, várias aludindo ao “alter-ego” de Laerte, “Hugo”.

Ressaltamos maior atenção aos chistes no atual trabalho, pois eles incluem em grande medida a finalidade de serem partilhados com outrem – o que ocorre em relação às tirinhas de Laerte -, revelando a possibilidade elaborativa inconsciente pela via do chiste, além do prazer derivado dos processos psíquicos envolvidos na construção e apreensão chistosa.

O embasamento teórico utilizado no trabalho consiste nos saberes elencados anteriormente, os quais fazem referência ao tema da sexualidade e tangenciam a perspectiva trans a ser trabalhada nas discussões e considerações posteriores, tendo por intuito, construir uma cartografia preliminar com enfoque multidisciplinar voltado para um caso de transvestismo.

O sexo, enquanto fenômeno natural e observável nos seres vivos, objetiva a manutenção da vida, correspondendo à esfera biológica dos elementos necessários à reprodução das espécies; gênero é a denominação dada às expressões socioculturais da condição biológica de possuímos um sexo, e sexualidade por sua vez, é o conjunto dos

elementos biológicos, sociais, culturais e psicológicos alusivos ao sexo e a identidade de gênero de uma dada pessoa. Ou seja, nos seres humanos, o sexo, dada a penetração do biológico pela sócioculturalidade, transforma-se em sexualidade, conforme pontua Blanc (2010, p. 9): “a espécie humana faz sexo não apenas para fins reprodutivos, mas também como forma de relacionamento social. Grande parte de nossas vidas é motivada, de um modo ou de outro, pelo sexo”. E dessa forma, tamanha a dimensão que o sexo toma, é considerada uma motivação essencial à vida humana.

Dito de outro modo, a conduta sexual, sua prática e atividade sempre foram, em alguma medida e de acordo com a cultura, balizadas socialmente, tendo havido modificações características referentes à homossexualidade, o que nos auxilia no entendimento da dinâmica social atual que busca possibilitar visibilidade e aceitação dos grupos marginalizados devido a sua orientação sexual.

Isso posto, devemos dizer que o contexto do sexo e das relações subjetivas que compõem a sexualidade são, evidentemente, perpassadas pela cultura, pois conforme Ford (1997, p. 812) “o comportamento sexual humano se exprime no contexto da cultura, os padronizados estilos de vida que caracterizam a vida social.” Denotando ainda que, apesar das normatizações existentes e decorrentes da cultura, uma margem nas expressões da sexualidade permite a interação de outros fatores inter e intrapsíquicos, inclusive a recusa ou posicionamento contrário a determinados padrões sociais.

O sexo e a cultura estão imbricados, vez que essa relação é constante e pode ser comparada ou diferenciada entre os povos, dentre os quais certas características sociais divergem e tomam destaque, sejam elas, proibições de incesto; bestialidade; homossexualidade; masturbação; união pré-conjugal e adultério; controle relacionado ao luto, intimidade, ocasiões especiais; além da menstruação e gravidez. Ford (1997) no entanto, revela que, em comum à todas essas sociedades, existem pressões e algum nível de regulação quanto ao sexo:

as atividades sexuais são moldadas e controladas em toda sociedade por estilos de vida tradicionais e padronizados. As atividades sexuais estão, naturalmente, sujeitas a diferentes pressões e algumas sociedades são muito mais indulgentes do que outras na sua permissividade para com a expressão sexual, mas todas as sociedades têm as atividades sexuais sob algum controle, por mínimo que seja.

Segundo a mesma autora, essas pressões sociais que regulam as atividades sexuais estão intimamente relacionadas à personalidade e seu desenvolvimento. De forma relevante,

ressalta, “a sociedade em que uma pessoa vive dá as condições para um aceitável ajustamento individual.” (FORD, 1997, p. 822) Esta constatação no entanto, pode ser problematizada, pois no que tange à transexualidade, o ajustamento poderia se dar conforme esse diretivo balizamento social?

No que tange à proposta deste trabalho, encontramos certa dificuldade em circunscrever categorias nas quais são alocados sujeitos conforme determinada definição sexual que lhes convencionou conferir. Ou seja, não existem cartografias já estabelecidas sobre o que caracteriza, diferenciando, o travesti, o gay, a drag Queen, o transexual, o intersexual, o hermafrodita. Em consequência dessa limitação o termo trans aqui utilizado, compreende o espectro que varia de um pólo a outro da dita dualidade características do sexo e sexualidade, na qual se encontram as denominadas identificações de gênero e orientação sexual – que por vezes foram identificadas como desviantes.

2 . MÉTODOS

Este trabalho consistiu em uma pesquisa de natureza exploratória, enfocando um estudo de caso e análise de bibliografia acerca da temática da transexualidade, objetivando discutir o que acima propomos. Tomamos de três entrevistas concedidas pelo cartunista Laerte Coutinho sobre suas vivências pessoais enquanto transexual. As entrevistas em epígrafe foram concedidas respectivamente à Revista Bravo, na qual a entrevista está contida na Edição 157 de setembro de 2010, à TV Cultura de São Paulo no programa Roda Viva, em 20 de fevereiro de 2012, e à Revista Rollingstone, edição 86 que data de novembro de 2013. Todos os materiais foram retirados de suas versões online, além de suas “tirinhas”, que tem por objetivo ilustrar o trabalho e revelar o “alter-ego” (como pelo próprio Laerte caracterizado) que muito fala sobre o protagonista de nossa discussão.

O material dessas entrevistas concedidas por Laerte Coutinho a TV Cultura e revistas Bravo e Rollingstone encontram-se publicamente acessíveis, uma vez postados na internet e, desse modo, configurados como de domínio público. As mesmas foram gravadas a partir do

correspondente site da internet, a primeira transcrita, e as demais copiadas a partir da versão digitada, sendo submetidas à análise pela via da Hermenêutica. Utilizou-se ainda, das tirinhas, obtidas do trabalho do próprio quadrinista para ilustrar os resultados obtidos da análise, discutindo o referencial teórico encontrado sobre a temática em consonância ou discrepância com o discurso do sujeito analisado.

Optamos pela escolha dos discursos do cartunista em questão devido a publicidade autoassumida de sua singularidade sexual. À guisa de biografia sumária, Laerte Coutinho nasceu em 10 de junho de 1951 e iniciou os cursos de música e jornalismo, mas não concluiu-os. Atua de longa data com o quadrinismo, tendo destaque em âmbito nacional por colaborar com revistas e jornais, com premiações nacionais, e exposições internacionais de seu trabalho. Atualmente ganha destaque na mídia devido seu posicionamento sexual enquanto crossdresser, anunciado desde 2009, embora o processo de aproximação à vivência estivesse latente desde 2004 e ainda prossiga hoje em trânsito e delineamento pelo mesmo. Esteve engajado em militância política no partido comunista na década de 70, e substituiu esta militância e engajamento, pela defesa das questões e causas transgêneras, pelas quais se diz mais intimamente identificado, veste a camisa e levanta a bandeira em sua totalidade. Laerte inicialmente definiu a sua experiência como uma contraposição às normas e definições de gênero, e à época referiu sua orientação sexual enquanto bissexual, o que mais tarde veio a se dissolver e evidenciar a homossexualidade antes negada.

3 . REVISÃO LITERÁRIA E ANÁLISE DOS DISCURSOS COLIGIDOS

Dizer-se Hermenêutica significa falar-se interpretação, dada a preocupação daquela ciência constituída a partir de um método, qual seja, dizer de que trata um dito, um texto, uma obra de arte (RICOEUR, 2008).

A fim de aplicar tal método ao discurso em análise, dividimos as falas de nosso sujeito posto sob a hermenêutica a fim de compor categorias que tornem mais evidentes as temáticas subpostas aos ditos.

a) A sexualidade enquanto termo polissêmico:

“Não é isso. É transformar a genitália. Perceba como essa é uma visão masculinista. Você vai cortar o pênis por quê? Porque uma mulher é um ser sem pênis? Não é ser sem pênis. Os homens é que são sem vagina!”, conclui gargalhando. (LAERTE, entrevista à Rollingstone)

“São processos de autodescoberta, de autoaceitação. Por exemplo, não uso mais o termo crossdresser, porque ele parece localizado numa fase que não me interessa mais, que eu já passei” (LAERTE, entrevista à Rollingstone)

A sexualidade é termo polissêmico, vez que possui os mais diversos sentidos ou significados, a depender da ciência que adote tal conceito como tema de suas discussões. Tendo-se isso em vista, este trabalho enfoca, sobretudo, de um lado, os discursos da Psicanálise e da Psiquiatria e, de outro, os discursos da Sociologia e da Antropologia, advertindo-se que, não existe consenso de opiniões para essas abordagens.



Tirinha 1. Fonte: Laerte - www.laerte.com.br.

O viés de análise que compreende as concepções e discursos médicos acerca da sexualidade baseiam-se prioritariamente em questões de ordem biológica e apreensão do funcionamento fisiológico, o que finda por certa desconsideração para com fatores sociais e

culturais que interferem no conceito de sexualidade em sua completude e complexidade, tal como pondera Corrêa (1998, p.70):

[...] em cada caso encontram-se dificuldades específicas [...] e até mesmo em procedimentos cirúrgicos complexos - como no caso do transexualismo, cuja abordagem coloca desafios à medicina, naquilo que talvez seja mais exclusivo ao discurso médico sobre o sexo e a sexualidade: sua definição anatômica da diferença sexual e sua concepção biologizante da determinação genética dos sexos.

Ou seja, partindo da bipolaridade biológica macho-fêmea, a medicina considera transtorno todo comportamento situado entre esses dois limites, tal como até hoje procede ao caracterizar os chamados “transtornos de identidade sexual” (DSM IV).

Por outro lado, o *corpus* teórico da psicanálise constitui-se em estudos clínicos e elaboração teórica embasados em investigações sobre a sexualidade e o desenvolvimento psíquico. O marco para tal elaboração é intitulado “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, no qual Freud (1905) apresentou problematizações muito significativas para o início do século XX, texto que, nem mesmo com as mudanças sociais impostas pela contemporaneidade, perdeu seu valor teórico, mostrando-se válido frente às questões conceituais submetidas às demandas contemporâneas, embora passível de uma correção: O que Freud, no início do século XX, chamava “desvio” há que ser denominado de “orientação sexual”, notadamente no que tange à homossexualidade (hoje melhor caracterizável como homoafetividade), a qual não deve ser associada à perversão, como relacionado por Freud no texto citado.

O referido texto suscitou controvérsias na época de sua publicação, dada a não aceitação por parte da sociedade vitoriana profundamente puritana. Resistência aquela que ainda é presumível e existente em variadas expressões, associada de modo geral às questões sexuais. Entre outras observações trazidas em tais escritos, atenta-se principalmente para a existência e atuação da sexualidade infantil.

A problematização da sexualidade realizada por Freud (1905) permite a identificação da precocidade do mecanismo de funcionamento da sexualidade, caracterizando a libido, ou energia sexual que está presente desde a mais tenra infância, e presentificada em todas as fases da vida – a qual explica a multiplicidade de comportamentos sexuais no desenvolvimento humano desde a infância.

A patologização de certas condutas sexuais, alí também presente, explicita o estudo da “norma” através daqueles que nesta não são enquadrados. Destarte é lançada a hipótese da bissexualidade psíquica para explicitar um desvio e o normal para entender o patológico; ou, ao contrário, utiliza-se o patológico para entendimento do normal, vez que “a importância dessas anormalidades está em que elas facilitam de maneira inesperada a compreensão da formação normal” (FREUD, 1905).

De forma diferente, a contribuição da antropologia deve ser creditada fundamentalmente às análises das relações de alteridade existentes em sociedades distintas, as quais possibilitaram o olhar de antropólogos para o sexo e a sexualidade como objeto de estudo “quando esses temas eram ainda cercados de silêncio e tabus, inclusive nos meios acadêmicos” (LOYOLA, 1998, p.18). As pesquisas antropológicas se deram inicialmente graças à observação das ditas sociedades “primitivas” e, através do olhar antropológico adveio a análise do estado de natureza e cultura e, daí os estudos das relações entre sexualidade e reprodução e sexualidade e gênero, questões estas que, devido à sua complexidade, ainda mobilizam discussões, avanços, e/ou retrocessos.

A partir das características problematizadas neste campo de estudo conforme Loyola (1998), conclui-se que a sexualidade é o pilar da sociedade, e para tanto é composta de normas (variáveis culturalmente), sendo a principal o tabu do incesto que regula todas as sociedades.



Tirinha 2. Fonte: Laerte - www.laerte.com.br.

b) Da linguagem à vivência sexual:

“Existe, existe.. palavras que aparentemente são doces, mas carregam um grau de de maldade, de ódio, de agressão, que é evidente, não é?” (LAERTE, entrevista à CULTURA)

“Existe uma carga no.. uma carga social, na na palavra travesti.” (LAERTE, entrevista à CULTURA)

“É uma descoberta nova, uma predileção que se insinua há séculos, mas que se manifestou com todas as letras apenas em 2009. Cinco anos antes, um dos meus personagens, o Hugo, decidiu ‘se montar’. Não sei exatamente por quê. Só sei que, de uma hora para outra, arranjou vestido, batom, salto alto e se jogou no mundo.” (LAERTE, entrevista à Bravo)

Se é problemático conceituar o que seja “sexo normal”, problema é, também, caracterizar o que sejam gênero e identidade sexual. Costa (1992, p. 43) apresenta contextualização histórica dizendo que “Ferenczi [...] mostrou pela primeira vez, na literatura psicanalítica, que o rótulo de homossexualidade era largamente insuficiente para descrever a diversidade das experiências psíquicas dos sujeitos homoeroticamente inclinados.” Isso aponta para o peso da Moral sobre a Clínica, o que mais ainda dificulta a abordagem de assuntos relativos à identidade de gênero.

Para Freud (1905) a ocorrência de sexualidades diversas e não claramente associadas ao padrão aceito na época de sua elaboração teórica, foi inicialmente compreendida dentro da conceituação vigente de desvios sexuais, e a existência de desvios quanto ao objeto da pulsão sexual é conceituada por inversão, que consiste na atração erótica por pessoas do mesmo

sexo, caracterizando o que hoje é comumente designado como homossexualidade/homoafetividade e referente à orientação sexual ou, ainda, homoerotismo.

Os sociólogos e antropólogos cunharam a expressão Homoerotismo, que através das raízes de duas palavras gregas pode ser traduzida por “sexo (ou amor) entre iguais”, elaborado para pensar muito mais às ações e posturas a definir categorias aprisionantes dos sujeitos de sociedades que não viam diferenças num relacionamento entre o mesmo gênero ou entre diferentes gêneros. (SOARES, 2007)

Ou seja, retirando-se de cena o vocábulo “homossexual” objetiva-se eliminar, através de sua substituição pelo termo “homoerotismo” ou “homoafetividade”, o estigma construído ao longo dos séculos em torno da palavra homossexual, vinculada imaginariamente a pecado, doença ou crime, mediante os quais assinalar-se-ia a periculosidade e, logo, a exclusão, de todo sujeito que transgride as normas ou as regras vigentes.

Apesar de Costa (1992, p. 41-192) ater-se apenas a estudos de casos da homossexualidade masculina, percebe-se claramente que o estigma social em relação ao homoerotismo não está limitado apenas aos sujeitos do sexo masculino e que apresentam tal orientação sexual, mas igualmente presentifica-se em relação às lésbicas, travestis, transexuais, intersexuais e todos aqueles que parecem confundir ou extrapolar o padrão binário de gênero heteronormativo, considerando esta realidade sócio-cultural.



Tirinha 3. Fonte: Laerte - www.laerte.com.br.



Tirinha 4. Fonte: Laerte - www.laerte.com.br.

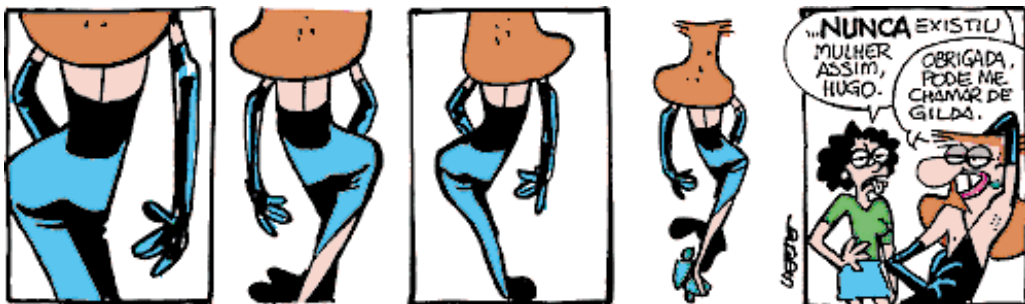
c) Divisão binária de gênero e padrão heteronormativo:

“Cortar o pênis? Nem pensar. Falar em ‘cortar o pênis’ é uma visão falocêntrica. Como se dissesse: ‘Eu tenho um pênis e vou cortá-lo’” (LAERTE, entrevista à Rollingstone)

“Ao querer a vivência tida como feminina, não estou comprando o pacote todo. Não preciso de uma cintura dita feminina e quadril. Esse é o corpo que tenho e preciso estar me sentindo bem com ele.” (LAERTE, entrevista à Rollingstone)

“Pra mim, a vivência homossexual ainda é um tabu. Não sei se será assim até o fim da vida. Eu sou um processo em movimento. Mas hoje é algo que, sim, me constrange.” (LAERTE, entrevista à Rollingstone)

A construção social e afirmação de papéis sociais que corroboram com a determinação biológica dos sexos constitui uma dualidade (seja em questões de determinação de identidade de gênero ou orientação sexual) que, além de determinista, ocasiona dificuldades de posicionamento por parte daqueles que se vem à margem do que é imposto. Dessa forma, o que por ventura venha a transgredir tal dualidade acaba por constituir uma anormalidade, tal como pontua Soares (2007, p. 8):



Tirinha 5. Fonte: Laerte - www.laerte.com.br.

[...] além de suas relações sexuais, está em cheque seu status social. O efeminado deve ser tratado como homem ou como mulher? Em que locus social o efeminado,

ou o hermafrodita – no sentido original da palavra grega: “aquele que participa de um e de outro” – pode ser colocado? Note-se que a questão aqui não é onde o hermafrodita se coloca. A questão se refere onde a sociedade pode colocá-lo, ou seja, se refere à inversão dos papéis sexuais.

Arán (2006, p. 50), por outro lado, problematiza a noção e enquadramento da transexualidade como patologia, o que advém da concepção socio-normativa de sexo-gênero e diferenciação sexual imposta conforme a matriz binária heterossexual,

[...] a cultura transexual não se define simplesmente pela atração sexual, mas, bem diferentemente, ela é contestação das identidades sexuais fixas e imutáveis defendidas pela sociedade estabelecida, subversão das identificações oficiais conforme o gender masculino ou feminino. Com efeito, elas se instauram em dois tempos. Primeiro tempo: a visão da presença ou da ausência do órgão peniano determina o registro no cartório. Segundo tempo: a partir daí, o discurso educativo da sociedade familiar e social transmite uma identificação em termos de ser, ser verdadeiro homem, ser verdadeira mulher. Assim, ter ou não ter tal órgão determina o ser ao qual alguém há que se identificar. (JULIEN, 2005, p. 21)

A padronização macho x fêmea como normal considera como desvio comportamentos sexuais disso divergentes, uma vez ditos invertidos. Freud não concorda com isso, propondo que todos os graus intermediários são abundantemente encontrados. E diante das possibilidades é possível que em certos casos e “em sua forma mais extrema, talvez se possa supor regularmente que a inversão existiu desde época muito prematura e que a pessoa se sente em consonância com sua peculiaridade” (FREUD, 1905, pg. 130).

Ceccarelli (2008) ressalta as relações estabelecidas a partir do sistema simbólico da cultura em que sujeito está inserido, nas quais os padrões de gênero influem diretamente nos conflitos apresentados pela dicotomia entre corpo e identidade sexual, podendo ocorrer ainda rejeição de identificações simbólicas secundárias, que recaem primeiramente sobre o sexo genital, e secundariamente sobre tudo o que o discurso social decreta como masculino e feminino.

d) Perversão e desvio da sexualidade:

“Eu, muitas vezes eu fiz o Hugo se travestir e num é... E não é uma coisa tão estranha na li...” (LAERTE, entrevista à CULTURA)

“O momento em que me vi totalmente depilada na frente do espelho foi emocionante. Foi como me ver pela primeira vez. É mais do que um prazer, é quase um êxtase. Cheguei a ter ereção’ (LAERTE, entrevista à Rollingstone) Laerte lembra, aproveitando para afastar o mito de que crossdressing e sexo não andam necessariamente de mãos dadas.”

Ao ser questionado acerca do prazer envolvido no transvestir-se de mulher, Laerte revela: *“Olha dá tanto prazer que não dá nem mais prazer. Dá tanto prazer e e coisa assim que já virou o meu modo natural de me, de me vestir, de me expressar.”* (LAERTE, entrevista à CULTURA)

Segundo Foucault (1999), a sexualidade, posta em forma de discurso, apresenta-se enquanto compondo um dispositivo, como a família, a religião e, ainda, como estratégia de regulação social, o que é mantido visando uma disciplina pautada em exercício do poder, reprimindo com particular atenção as energias inúteis, a intensidade dos prazeres e as condutas irregulares (FOUCAULT, 1999, p. 15).

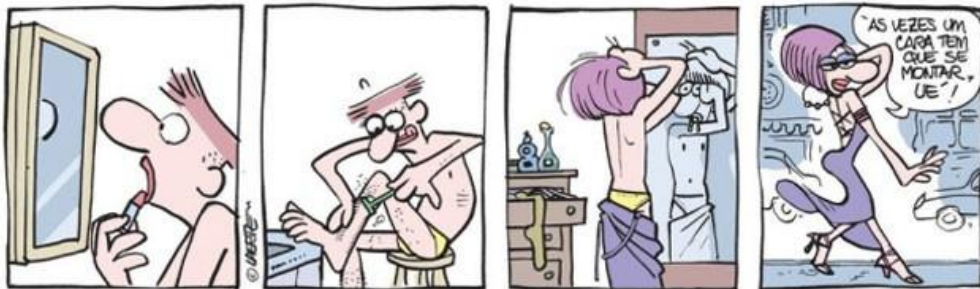
A história da sexualidade, suas normas de poder e dominação revelam a influência do discurso religioso, que subjaz às condutas sexuais aceitáveis ou proibidas. Diante da construção histórica e cultural a constatação que as perversões, assim nomeadas, são conceitos disciplinantes que visam o controle e a imposição de condutas que levam à procriação.

A forte normatização e punição resultantes dos desvios em relação à genitalidade foram regulados e condenados até o final do século XVIII, de acordo com Foucault (1999, p. 38-39), pelos códigos de direito canônico, pastoral cristã e a lei civil, condenando também a intersexualidade, devido à sua condição dúbia, na qual “durante muito tempo os hermafroditas foram considerados criminosos, ou filhos do crime, já que sua disposição anatômica, seu próprio ser, embaraçava a lei que distinguia os sexos e prescrevia sua conjunção.” (FOUCAULT, 1999, p. 39).

Foucault (1999, p. 39) ressalta ainda, que houve no século XIX, uma característica dispersão de sexualidades ao lado da emergência das heterogeneidades sexuais, o que condiz com a idade da multiplicação e a implantação múltipla das “perversões”. A explosão discursiva acerca do sexo, iniciada no século anterior, trouxe mudanças que promoveram uma maior atenção às ditas formas desviantes, em detrimento do casal heterossexual regular. Porém, essa maior atenção voltada às condutas marginalizadas, não lhes retirou o caráter desviante e ainda pecaminoso, mas possibilitou o seu estudo, ainda que de forma incipiente.

Freud já estabelecera uma distinção entre perversão (fetichismo, sadomasoquismo, voyeurismo, exibicionismo, pedofilia...) e inversão (cujo termo designava a homossexualidade). Embora seja evidente que entre os homossexuais também se encontram muitos que apresentam características perversas (que são condenados por outros homossexuais, que constituem a maioria, e que não manifestam sintomas de perversão pura), este termo deveria ser evitado por esta dupla razão: sugere uma generalização injusta e, além disso, a palavra “perversão” em quase todos os idiomas tem um significado altamente pejorativo (ZIMERMAN, 2010, p. 75).

Dessa forma, Costa (1992, p. 12) indica que, a partir do século XIX, iniciou-se a formação do que seria o estereotipado perfil do homossexual, figura imaginária da antinorma do ideal de conduta sexual masculina e inadequada à formação familiar burguesa.



Tirinha 6. Fonte: Laerte - www.laerte.com.br.

A perceptível diferença no interesse e vivências da sexualidade demonstram a normatividade sempre presente, embora mudem certos enfoques e delineamentos conforme as sociedades e culturas e, desse modo, a homossexualidade ganha destaque mesmo enquanto minoria e/ou desvio que supera o peso de um tabu, conforme Pommier (2005).

De acordo com as considerações quanto à homossexualidade e à historicidade social que envolve este conceito, buscamos visibilizar ainda a dinâmica e fenômeno trans, os quais, por vezes são apresentados e envoltos em caráter patológico. A apresentação dessa problemática pela via elaborativa do chiste parece aproximar essa expressão inconsciente na

medida em que ocorrem outros sintomas e suas externalizações. Assim “temos a impressão de que os determinantes subjetivos da elaboração do chiste com frequência não se situam muito longe daqueles determinantes das doenças neuróticas [...]” (FREUD, 1905).

e) A transexualidade como expressão da subjetividade:

“Quando eu, eu comecei a me vestir com roupas femininas, eu me ví em frente a um universo, era que nem aquela cena do Matrix assim, que o cara faz assim (estala os dedos) Bruummmmm (faz o som e gesticula indicando as prateleiras chegando) e vem aquelas milhares de prateleiras, de armas e tal, não sei o quê. Era meio isso, eu fiz um assim e apareceu uma quantidade de de opções (ênfatiza ao falar) né? de de de..” (LAERTE, entrevista à CULTURA)

“O que se passou foi que me vi motivada a retomar a militância por causa de algo muito íntimo – o sentimento transgênero –, que me levou de novo a entender a ação política como necessária. Não vejo só como uma defesa da população travesti ou transgênera, mas da liberdade humana. Uma defesa das possibilidades do ser humano como um todo” (LAERTE, entrevista à Rollingstone)

“Eu tenho dito que eu tenho dupla cidadania, eu mesmo falo.. Ó, tá vendo! Me refiro a mim como no masculino e no feminino.” (LAERTE, entrevista à CULTURA). Conforme tal assertiva, a contestação em relação à imposição, a priori social, surge nos múltiplos discursos apresentados por tais sujeitos.

O prefixo “trans” denota movimento, o movimento que retrataria o “trânsito” do corpo transsexual e a possibilidade de identificar essa dinâmica e a subjetividade ali expressas:

Enquanto uma transexual, carregaria consigo a negação de sua masculinidade em favor de um feminino que é buscado e inscrito em sua subjetividade, o que colocaria seu corpo em trânsito na condição de marginal e também de não legítimo. [...] Ela

sempre poderá ser acusada por voluntariamente ter moldado seu corpo, e essa acusação, inscrita na lógica de uma normatividade que garantirá legitimidade aos corpos que a esta se conformam. (JUNIOR; UZIEL, 2012, p. 209)

Conforme a prática psicanalítica de Ceccarelli (2008, p. 111), a clivagem existente nos transexuais devido a disparidade entre as realidades anatômica e imagem idealizada de si, - captada no estágio do espelho, onde a relação com o Outro materno lhe mostra o desejo de completude, e ser amado nessa relação configura-se a partir da identificação e apropriação com o desejo do Outro - emergem sobretudo pelo olhar de quem acolhe e nutre expectativas, divergindo portanto, a imagem real da idealizada e ocorrendo a posterior rejeição da anatomia que será apreendida psiquicamente e desinvestida de investimento libidinal.



Tirinha 7. Fonte: Laerte - www.laerte.com.br.

De acordo com Freud (1905) ao considerar as possibilidades subjetivas de expressão por meio da descarga econômica dos processos psíquicos, os “[...] componentes individuais da constituição sexual de uma pessoa podem, particularmente, aparecer como motivos para a construção de um chiste.” Como demonstrado pelo uso dos quadrinhos de Laerte no presente artigo. E considerando tal forma de expressão, identificamos um recurso que possibilita a vivência subjetiva, elaboração e processo de transexualidade no referido artista.

Analisando a expressão da subjetividade e a possibilidade de apregoar uma identidade trans, a reflexão e consideração do espectro destas manifestações da sexualidade levaram Bento (2006, p. 201) a considerar que, “não existe uma ‘identidade transexual’, mas posições de identidade organizadas [...] que se efetivam mediante movimentos de negação e afirmação aos modelos disponibilizados socialmente para se definir o que seja um/a homem/mulher de ‘verdade’.”

4 . CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendendo o percurso teórico e metodológico discutido, o presente trabalho culmina em uma reflexão relativa ao conceito de transexualidade que, para além de uma significação cristalizada do conceito, margeia modos e expressões de sexualidades que não são consideradas, pelos sujeitos ou pela sociedade, condizentes com os modelos e conceituações. Esses moldes que em sua abrangência e padronização terminam por patologizar ou desconsiderar o modo transexual de ser.

Apesar da forte padronização existente quanto a diversas características utilizadas para constituir a nomeação ou estabelecimento de um tipo de verdade do sujeito. De acordo com Junior e Uziel (2012, p. 221) o que “transexuais desejam é alguma forma de legitimidade, de serem reconhecidos/as como sujeitos, ainda que não tão adequados quanto às subjetividades forjadas – e plenamente validadas – segundo o ideal fálico heteronormativo”.

Era nosso objetivo, com este trabalho, elaborar uma cartografia prévia da transexualidade, o que foi conseguido. Verificamos que, de fato, existe densa nebulosidade quanto à caracterização do que sejam transexualidade, transvestismo, homossexualidade, o que exige a confecção de trabalhos futuros e a articulação possível com outros saberes acerca da temática.

Portanto, encontramos certas limitações na realização do trabalho, devido à brevidade iminente à elaboração de um artigo de TCC, tendo em vista que o assunto aborda uma temática vasta, porém pouco articulada e com inúmeras lacunas e divergências. Apesar de não ser possível apreender o conteúdo abordado em sua completude, foi possível ter reflexões válidas e indicativas para posteriores desenvolvimentos e aprofundamentos.

ABSTRACT

Transsexuality, an expression used to designate people who are not sexually in accordance with their biological sex, is presented as a problem to characterize the subjectivity of such individuals. Its definition is not clearly defined, therefore there is uncertainty and nebulosity as to the ways of expressing transsexuality. This research highlights the constitution of gender and sexual orientation identity, which structure part of individuals' identity from the interactions of biological, psychological and sociocultural factors. The article provides an explanation on preliminary mapping constructed from a multi-disciplinary look at a case of crossdressing, which aims to explore in which ways transsexuality is psychosocially expressed, besides understanding the identity and subjective elements in sociosexual posture externalized on such discourse. For this purpose, an hermeneutic content analysis of three interviews provided by Laerte Coutinho, cartoonist and crossdresser, was performed. These interviews are of public domain, once they were published on the Internet. From the artist's speech, sexuality issues are discussed and problematized while alluding as a polysemic term; the process due to the language and terminology associated with sexual activity; perversion and misuse of sexuality, sexuality and expression of subjectivity, as well as the binary division gender, heteronormativity and the idea of sexual deviance resulting therefrom.

Keywords: Transsexuality. Sexuality. Transsexual identity.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARÁN, M. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. IX, n.1, p. 49-63, 2006.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006, 256p. (Coleção Sexualidade, gênero e sociedade).

Biografia de Laerte e trabalhos. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/laerte/info/biografia-top.html>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

Biografia Laerte. Disponível em: <http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=809473>. Acesso em: 20 fev. 2014.

BLANC, C. **Uma breve história do sexo**. Fatos e curiosidades sobre sexo e sexualidades mais interessantes de todas as eras. São Paulo: Gaia, 2010.

CECCARELLI, P. R. **Transexualismo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008, 185 p. (Coleção Clínica Psicanalítica).

CORREIA, M. V. Sexo, sexualidade e diferença sexual no discurso médico: algumas reflexões. In: LOYOLA, M. A. **A sexualidade nas ciências humanas**. Rio de Janeiro, n. 2. 1998.

COSTA, J. F. **A inocência e o vício**. Estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992. 195 p.

COUTINHO, Laerte. **Tirinhas**. Disponível em: <<http://www.laerte.com.br/>>. Acesso em: 30 jan. 2014.

Entrevista de Laerte Coutinho à Revista Bravo. Brasil: Editora Abril, 2010, Edição 157. Disponível em: <<http://bravonline.abril.com.br/materia/tenho-vergonha-quase-tudo-desenhei-laerte>>. Acesso em: 01 fev. 2014.

Entrevista de Laerte Coutinho à Revista Rollingstone. São Paulo: Editora Spring, 2013, Edição 86. Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/edicao/edicao-86/livre-leve-e-solta?page=1>>. Acesso em: 19 fev. 2014.

Entrevista de Laerte Coutinho ao Programa Roda Viva. São Paulo: Cultura, 2012. Disponível em: <<http://tvcultura.cmais.com.br/rodaviva/laerte-e-o-convidado-do-rodaviva>>. Acesso em: 03 set. 2013.

FORD, C. S. Cultura e sexo. In: ELLIS, A; ABARBANEL, A. **Enciclopédia do comportamento sexual.** Rio de Janeiro : Ed. Civilização Brasileira, 1997. vol. II, p. 811-824.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade:** vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999. 153 p.

FREUD, S. O humor. In:_____. **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1927-1996. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v.XXI, p. 161-169.

FREUD, S. **Os chistes e a sua relação com o inconsciente.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1905-1996. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v.XXI, 247p.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In:_____. **Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1905-1996. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v.VII, p. 117-231.

GOFFMAN, E. **Ritual de interação:** Ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Editora Vozes, 2012. (Coleção Sociologia)

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa em psicologia:** caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira. 2002.

JULIEN, P. O desafio de outra cultura. **A clínica Lacaniana,** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, n. 4, p. 21-25, 2005.

JUNIOR, A. L. S; UZIEL, A. P. “Da laranja quero um gomo, do limão quero um pedaço”: transitoriedade e transformações de gênero no filme tirsia (2003). **Bagoas,** Rio Grande do Norte, n.8, p. 205-224, 2012.

LOYOLA, M. A. **A sexualidade nas ciências humanas.** Rio de Janeiro, n. 2. 1998.

POMMIER, G. Pelo amor do pai e do falo: a homossexualidade em primeira linha. **A clínica Lacaniana**, Rio de Janeiro: Companhia de Freud , n. 4, p. 11-20, 2005.

PRATA, M. R. **Sexualidades**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2010. 128 p.

Quadrinho de Laerte: A insustentável leveza do ser. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/henrychinaglia/a-insustentvel-levezadoser>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

RICOEUR, P. **Hermenêutica e ideologias**. Petrópolis, RJ : Ed. Vozes, 2008.

SILVA, A. P. D; RIBEIRO, M. G. **Rumos dos estudos de gênero e de sexualidades na agenda contemporânea**. Campina Grande: Eduebp, 2013. 467 p.

SOARES, L. C. Homoerotismo e homossexualismo: a historicidade de um conceito. **Artciencia.com**, ano 3, n. 7, 2007.

ZIMERMANN, D. E. **Os quatro vínculos**: Amor, ódio, conhecimento, reconhecimento na psicanálise e em nossas vidas. Porto Alegre: Artmed, 2010. 240 p.